

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

A SUPERSTIÇÃO

As intelligencias vastas e cultivadas têm por uso affirmar que só os espiritos acanhados ou ignorantes albergam em si o negro dominio da superstição, que gera medos pavorosos e cria abusos, não só ridiculos, mas até muitas vezes perigosos; porém eu (intelligencia limitadissima, escriptora humilde, que nem ousou apparecer em publico apresentada pelo meu nome obscuro) arrojame a contradizer essas intelligencias asseverando que a superstição é um vicio de educação e não uma prova de estupidez ou ignorancia.

Para basear esta minha opinião, passo a apresentar mais d'um facto comprovativo com que procurarei convencer o leitor benevolo de que tambem os talentos levantados e cultos estão, como a ignorancia, sujeitos aos vicios da educação, d'essa segunda natureza do homem que tão prejudicial se lhe torna quando é mal ministrada. Nos meus annos de collegio, tive por preceptora uma senhora muito talentosa e juntamente instruida, mas que mesmo a seu pezar (como ella muita

vez asseverava) não podia eximir-se de acreditar em presagios, taes como crer: que o apparecimento de uma borboleta negra, era para ella o annuncio de uma proxima desgraça; a quebra de um espelho ou objecto de vidru, o azeite derramado, os uivos d'um cão, eram a certeza de que em breve lhe morreria um parente proximo. «Todos estes prejuizos (me dizia ella mais tarde) devo-os á educação que recebi d'uma velha creada que me creou, e que me servia de mãe depois que tive a desventura de perder a minha; nem a idade, nem a instrução, que recebi, poderam destruir ao meu espirito, esses abusões que a igoorancia da minha ama alli me incuti em creança.»

Na minha adolescencia tive intimas relações com uma familia que tinha por chefe um dos homens mais intelligentes do nosso paiz; a esposa d'este homem era uma senhora de uma instrução funda e talento não vulgar, mas que recebera a maior parte da sua educação moral e intellectual n'um convento de provincia; esta senhora tinha toda a crença nas appareções milagrosas e nos

maus olhados e para perseverar-se d'elles usava de escapularios bentos; e suas filhas, para o mesmo fim, traziam pependentes do pescoço, figas de fino azeviche, vindas de S. Thiago de Compostella.

Um padre, que conheci como intimo amigo de meu pae, homem douto e dotado d'animo áffoito e arrojado. cria com intima convicção que são santos os corpos que a terra não consome completamente; e que os bruxedos e pragas téem o poder de prejudicar a pessoa que d'elles é alvo; que as cartas predizem o futuro e que se não deve viajar em navio em que vá um defunto.

Conheço um mancebo muitos ceptico, libertino até que não emprehende viagem ou jornada á terça feira nem em compaúbia de judeu ou padre. Eu mesma que reconheço estes ridiculos prejuisos em tanta gente talentosa e illustrada, tenho toda a creença na fatalidade, a que julgo ninguém pode fugir; e são para mim como coisas da Providencia, os presentimentos do meu coração, que rara vez me faltham nos seus vaticinios; reconheço que são ridiculas estas, minhas creenças mas, á semilhança da minha primeira mestra, não posso arrancar da alma os prejuisos que a educação ahí a arreigou.

E' factó pois bem comprovado, que se a instrução é

muito, a educação é muito mais ainda, pois não pôde aquella destruir completamente o que esta construiu; assim pois a superstição é um defeito que a educação nos arreiga á alma, defeito que a instrução pôde modificar mas nunca banir d'ali para sempre.

Maria de Lucena.



MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Romance)

D. Carlos de Montalvar

Puz-me a fazer uma aposta,
Mas eu não soube apostar,
De dormir com Marianna
Antes do gallo cantar:
Marianna, tão discreta,
Não se deixou enganar;
Foi-se pôr, á romeirinha,
Pela porta a passear.
—Que é isso, Marianna,
Pela porta a passear?
—Sou filha da tecedeira,
A falta venho buscar.
—A falta tenho-a eu,
Vamo-nos já a andar—.
Lá pela noite adiante
Marianna dava ais:
—Que é isso, Marianna,
Não te queiras diffamar,
Que teu pae é dos bons homens,
Contigo me hade casar—.
.....
—Que é isso, Marianna,
Que é isso, filha minha?
—Isto é falta da saia,
Minha mãe bem o sabia—.

Chamaram o alfaiate:

—Que falta tem esta saia?

—Esta saia não tem falta,

Falta terá quem a usa—.

—Confessa-te, Marianna,

Trata de te confessar,

Que hoje se acarreta a lenha,

Amanhã te vás queimar:

—Não se me dá que me queimem,

Nem deixem de me queimar,

Da-se-me só do meu ventre,

Que leva o sangue real;

Quem me dera um menino,

De sete annos, mais não,

Que me levasse uma carta

D. Carlos Montalvão (*sic*)—.

Desceu um anjo do ceu:

—Aqui estou, minha Senhora,

Para o que eu lhe prestar.

—Vac-me levar esta carta

A D. Carlos Montalvar.

Se o achares dormindo,

Deixae-o bem acordar;

Se elle estiver jantando,

Deixae-o bem jantar;

Se o achares passeando,

Ahi lhe pode's falar.

—Novas vos trago, Senhor,

Novas de grande pezar,

A vossa dama, Senhor,

Amanhã se vae queimar—.

Elle estava a ler a carta.

E os seus olhos a chorar.

—Ala, ala, meus criados,

Meus cavallos a ferrar,

Com ferraduras de prata,

Que não hajam de faltar.

Ala, ala, meus criados,

Meus cavallos a sellar,

Que jornada de oito dias

N'uma hora se ha-de andar—.

Elle que ia no caminho,

A justiça via andar:

—Pára, pára, ahi, justiça,

Senão faço-te parar,

Que a menina que ahi vae

Inda vae por confessar.

—Pois confesse-a, senhor padre,

Que nós vamos a jantar.

—Confesse, menina, confesse,

Saiba-se bem confessar.

Que no meio dos mandamentos

Um abraço me ha-de dar.

Não permitta Deus do céo,

Nem os santos do altar,

Que onde D. Carlos pôz braços

Os venha um frade pousar.

—Confesse, menina confesse,

Saiba-se bem confessar,

Que do meio da confissão

Um beijo me ha-de dar.

Não permitta Deus do ceo,

Nem os santos do altar,

Que onde D. Carlos poz a bocca

Venha um frade a beijar;

Já me parece o seu rir

De D. Carlos Montalvar... .

—Esse sou, ó minha amada,

Da morte te vou livrar;

Diz ao barbaro de teu pae

Que te venha aqui buscar;

Com este punhal de prata

O hei de assassinar!

—Adeus casa de meu pae,

Onde o gallo canta ao meio dia.

Venha-se embora, menina,

Não fale com phantasia,

Que eu tenho um navio no mar,

Onde canta o rouxinol,

Quer de noite, quer de dia.

Elvas.



Conde d'Allemanha

Já bate o sol na vidraça,

Já lá vem o claro dia,

Já o conde d'Allemanha

Com a princeza dormia.

Nem criados nem criadas,

Ninguem na côrte o sabia;

Sabia-o D. Bernarda,

Filha da mesma rainha.

—Tu que o sabes, ó Bernarda,

Não n'ó queiras descobrir,

Que o conde é muito rico

D'ouro fino te ha-de vestir.

—Não quero vestidos d'ouro,

Que tenho os meus de damascos,

Inda tenho meu pai vivo

Já me querem dar padraсто;

As mangas d'esta camisa

Eu não as chegue a romper,
 Se em meu pae vindo da missa
 Eu lh'o não fór já dizer.—
 Palavras não eram ditas,
 E o pae á porta batia.
 —Venha cá, oiça, ó meu pae,
 Um caso de maravilha:
 Estando eu no meu tear,
 A bordar a ouro em tela,
 Veio o conde d'Allemanha,
 Tres fios me roubou d'ella.
 —Deixa-o lá, ó minha filha,
 Que é menino, quer brincar.
 —Mal o haja a sua brinca,
 Mais o seu tanto brincar,
 Agarrou em mim em braços,
 E á cama me quiz levar.
 —Alto, alto minha filha,
 Que eu o mandarei matar,
 Debaixo de meus palacios
 Ha-de vir a enterrar.
 —Mal o hajas tu, Bernarda,
 Mais o leite que mamaste,
 Era o conde tão bonito,
 E a morte que lhe causaste.
 —Cal'-se ahi, ó minha mãe,
 Cale-se com cortezia,
 Que a morte que o conde leva
 Vossa alteza é que a mer'cia.
 (Elvas)

~~*

O Conde Alardos

Estando a filha do rei
 Muito triste em demasia,
 Perguntou-lhe seu pae rei:
 «Filha minha, o que *tenia*?»
 —Outras de menos idade
 Teem casa e filhos criam.
 —O que queres, filha *mia*,
 Se na côrte não havia...
 Só se fosse o Conde Alardos,
 Mas casa e filhos *tenia*,
 —Esse, esse, ó meu pae,
 Esse é que eu queria,
 Mando-m'o já a chamar,
 Da sua parte e da *mia*,
 Que venha cá ao meio dia,
 Inda agora vim do Paço
 E já me mandam chamar?!
 Se será para meu hem!

Se será para meu mal!
 Entrei pelo Paço a dentro
 Fiz a minha cortezia:
 «Que me quer Vossa Alteza,
 E mais Vossa Senhoria?»
 —Sabe, sabe, Conde Alardos.
 Que ainda me não esquecia,
 Quero que jantes comnigo
 Uma perna de gallinha.
 —Obrigado a Vossa Alteza,
 E a Vossa Senhoria,
 Que eu para meu jantar
 Gallinha também *tenia*.
 —Sabe, sabe, ó conde Alardos,
 Não me voltes demasia,
 Quero-te assentar á meza
 A' d'reita de minha filha;
 Comerás bem bons boccados
 E uma perna de gallinha.
 —Obrigado a Vossa Alteza,
 E Vossa Senhoria,
 Que eu para o meu jantar
 Gallinha também *tenia*.
 —Cala-te, ó Conde Alardos,
 Não me voltes demasia,
 Quer' que mates a condessa,
 Pra casar's com minha filha.
 —Como pôde ser, Senhor,
 Se a Condessa o não mer'cia,
 Mandarei-a p'ra uma clauzura
 Onde não veja sol nem lua;
 Ou mandarei-a pr'a França,
 Onde pae e mãe *tenia*.
 —Cala-te, ó Conde Alardos,
 Não me voltes demasia,
 E traz-me a sua cabeça
 N'esta formosa hacia;
 E não m'a troques por outra,
 Que eu mui bem a conhecia.
 Tem tres signaes na cara,
 Todos tres com bizzarria.—
 Foi-se d'ali o Conde Alardos
 Muito triste em demasia.
 —Que tendes, ó Conde Alardos,
 Que tendes por *minha via*?
 —O' Condessa, vem p'rá meza,
 Comeremos um bocado
 Que será por despedida.—
 Olhando um para o outro,

(Continua)

Antonio Thomaz Pires: